

### Regina Steffen

Quando se fala em formação de analista, duas grandes dificuldades se apresentam: em se tratando de analista, o que quer dizer “formação” e, como possibilitar essa formação dentro de um grupo, sem que os efeitos da psicologia de grupos a inviabilize?

Esse é um desafio que se coloca desde que Freud instituiu a primeira associação de psicanalistas.

Quando Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, suas questões eram exatamente essas: como eliminar os efeitos da psicologia de grupos de forma a permitir a verdadeira formação de um analista? Daí as análises mais lúcidas sobre essas questões terem surgido sob a pena de Lacan e de alguns de seus seguidores.

Contudo, o que se viu e ainda hoje se vê, é que a prática nem sempre consegue alcançar o que a teoria propõe. A formação do analista continua sendo um desafio para as instituições, que são sempre e novamente convocadas a encontrar um modo de instituir a formação, sem destituir-lhe a essência.

Toda essa dificuldade se deve ao fato de o analista não ser um profissional como os outros.

De fato, ser analista não quer dizer ser profissional da análise. O que é ser analista? Ser analista significa ser habitado por uma estrutura desejante diferente daquela de um não-analista. Essa estrutura específica, à qual Lacan chamou “desejo de analista”, e que não tem nada a ver com o desejo de ser analista, de querer ter essa profissão, é resultado de uma análise levada até o fim.

Analista é, então, o sujeito que surge ao final da uma análise. Ao final da análise, a estrutura desejante do analisando modifica-se em consequência de uma vivência a que Lacan deu o nome de “travessia da fantasia”, pelo que o sujeito atravessa a montagem imaginária da fantasia que o sustentava até então. Essa travessia é de forma a modificar sua relação com seu sintoma.

Todo sujeito é levado à análise porque acredita que algo não está bem consigo. Em última instância, sua crença é de que não tem feito a coisa certa para ser como imagina que deveria ser; não tem conseguido atingir seu ideal.

Há, na entrada da análise, uma não identificação do sujeito com seu sintoma que, justamente, é aquilo de que ele quer se livrar; é o que não vai bem.

Ao final da análise, tendo atravessado essa fantasia fundamental, o sujeito se dá conta de que aquele é ele, ou seja, identifica-se justamente com seu sintoma fundamental, deixando cair o ideal narcíseo do início. Não há mudança do sintoma fundamental, mas sim mudança da subjetividade; mudança no modo de apreensão desse sintoma, que afinal identifica cada um de nós com aquilo que nos é mais específico.

Trata-se de uma nova subjetividade, agora apoiada justamente naquilo que caiu, quase ela própria caída, dessubjetivada. O sujeito faz a experiência da fatuidade radical de qualquer objeto. Seu desejo é agora puro desejo, ou seja, pura falta. Ele atravessou todas as montagens que o protegiam da terrível visão do real: o nada. Agora ele deseja o desejo, o nada que move a vida. Esse tipo de desejo é o chamado desejo de analista. Assim aparelhado, o sujeito passa a estabelecer relações com o outro marcadas por essa nova posição. O outro não é mais seu objeto. Seu desejo faz o outro desejar e assim encaminhar-se, também ele, para o momento de descobrir que não existe objeto para o desejo. O desejo vive de desejar, vive de nada ter.

Todo ato analítico é um ato dessa natureza e conduz o sujeito para essa verdade. Esse ato só pode ser praticado por um analista, ou seja, por alguém habitado por essa estrutura desejante que o identifica ao nada.

Posição bem desprestigiada essa do analista lacaniano. Muito diferente daquela do analista que se acredita um modelo a ser seguido por seu analisando. Uma psicanálise levada às

últimas conseqüências não pode deixar lugar a ilusões imaginárias.

Vê-se, então, que a formação de um analista só pode ocorrer numa análise. Não se trata, absolutamente, de uma formação acadêmica. Aliás, para a psicanálise, formação é formação do inconsciente, não há outra. Um analista não poderia formar-se senão como formação do inconsciente, ou seja, obedecendo aos processos e leis do inconsciente, e não aos da razão. Formar-se analista não é educar-se racionalmente.

A análise pessoal, embora fundamental para a formação do analista, não dá conta sozinha da formação profissional do analista, ou seja, daquele que deseja fazer da análise sua profissão. Para tanto, além da própria análise o candidato deverá conhecer extensamente a teoria psicanalítica e para isso deve recorrer a instituições que oferecem a possibilidade desse estudo. Nessa hora entra em cena o grupo com todas as implicações de sua psicologia, conforme Freud observa, já em 1920, em “Psicologia das Massas e Análise do Ego”.

Ao entrar para um grupo o sujeito abandona sua subjetividade em prol de uma imediata identificação com os ideais do líder, sendo justamente essa identificação que unifica o grupo.

Somos um grupo justamente porque pensamos do mesmo modo, acreditamos nas mesmas coisas, seguimos um mesmo ideal.

Por outro lado, o líder admirado é também odiado, pois é alvo da disputa do poder.

Toda essa estrutura está apoiada numa profunda e mortal luta de prestígio na qual o outro é sempre uma ameaça, devendo ser aniquilado. Nada mais anti-analítico do que essa posição. Como então, neutralizar essas questões inerentes à constituição de qualquer grupo, e ainda assim oferecer um grupo junto ao qual o candidato possa fazer sua formação teórica?

É Lacan quem mais uma vez propõe uma solução. O cartel oferece essa possibilidade. Trata-se de uma estrutura na qual nenhum dos participantes ocupa o lugar do mestre. O chamado “mais um” é um lugar vazio a convocar sempre um dos participantes a ocupá-lo. Lugar de passagem, sempre vazio, sempre ocupado por um sujeito diferente. É a própria

estrutura do desejo operando no centro do grupo que se une em torno de um tema, e como o operador é o vazio, o não-saber, cada membro é convidado a dar de si nesse percurso de elaboração teórica. É o estudo sendo feito no mesmo diapasão da análise; nos dois casos o sujeito é chamado a se haver com o não-saber.

Depois de formado em sua análise pessoal, versado na teoria, além da formação clínica supervisionada, o analista demandará reconhecimento de seus pares. Outra vez os riscos inerentes ao grupo voltam a rondar a cena. De novo, as disputas políticas podem tomar o lugar da posição analítica. Para neutralizar também este risco, Lacan propõe o dispositivo do passe, que consiste no testemunho do analista sobre o final de sua análise, momento no qual se viu no ponto de autorizar-se analista porque já não poderia ser outra coisa. “O analista só se autoriza por si mesmo”... e pelo reconhecimento de seus pares. Seu lugar não lhe é outorgado por um mestre, nem pela instituição.

A formação do analista é, então, questão na qual o candidato deve implicar-se inteira e subjetivamente de forma a manter a coerência analítica em todas as suas etapas. Não seria possível imaginá-la diversa em nenhum dos três pilares que a sustentam, a saber: a formação teórica, a análise pessoal e a supervisão da experiência clínica. Retirar a responsabilidade subjetiva de qualquer um desses apoios, seria propor uma formação analítica em profundo desacordo com a essência da psicanálise.

Texto publicado originalmente em *Acarta*, informativo da ACP, edição do segundo semestre de 2005. A versão atual apresenta algumas modificações e foi apresentada na abertura dos trabalhos do segundo semestre das Leituras Introdutórias aos Conceitos Lacanianos, sob coordenação geral da autora, na sede da ACP em agosto de 2007.